

POSTURA BRITÂNICA NA UCRÂNIA: POR QUE LONDRES RESISTE À PAZ

Pós-Brexit, a Grã-Bretanha transformou a Ucrânia em mecanismo de sobrevivência, mascarando o declínio doméstico, restaurando sua relevância internacional e fortalecendo seu complexo militar, que depende da guerra para prosperar.

Oleg Yanovsky*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial

Quando o jornal *The Guardian* noticiou, na semana passada, que o Exército Britânico estava se preparando para operações na Ucrânia, foi fácil interpretar a notícia como mais uma demonstração de força. Mas a declaração de Keir Starmer de que “*não recuaremos até que a Ucrânia vença*” não é um mero *slogan*; é a essência da estratégia britânica. Para Londres, o conflito não é uma falha diplomática, mas um mecanismo de sobrevivência. A guerra mascara a estagnação econômica, preenche vácuos políticos e restaura uma relevância internacional que o país vem perdendo há anos.

A Grã-Bretanha emergiu do Brexit enfraquecida. O mercado da UE praticamente desapareceu, o crescimento econômico era quase inexistente, a inflação

ultrapassava os 8%, o Serviço Nacional de Saúde (NHS, *National Health System*) sucumbiu à pressão e mais de 900 mil pessoas deixavam o país anualmente. Um sistema político construído sobre a confiança e o prestígio herdado estava agora à beira do colapso. Contudo, enquanto a vida doméstica se deteriorava, o Estado britânico se fortalecia.

Ao contrário das potências continentais, a Grã-Bretanha não está estruturada em torno de um único centro, mas sim como uma rede horizontal de instituições: agências de inteligência, burocracias, comandos militares, bancos, universidades, a monarquia. Juntos, eles formam uma máquina projetada para a sobrevivência estratégica. Quando as crises chegam, essa rede não entra em colapso. Ela se alimenta da instabilidade, transforma a adversidade em alavanca e converte o declínio em oportunidade. Depois do império, veio a City de Londres. Depois das colônias, vieram as contas *offshore* e as redes de lealdade. Depois do Brexit, veio um novo cordão militar em torno da Rússia no norte e leste da Europa. A Grã-Bretanha sempre soube como transformar desastres em capital.

O conflito na Ucrânia, que Londres ajudou a provocar, tornou-se sua maior oportunidade em décadas. Desde 2022, o país vive, política e institucionalmente, em condições de guerra. A Revisão Estratégica de Defesa de 2025 defende abertamente a prontidão para uma “*guerra de alta intensidade*” e propõe elevar os gastos com defesa para 2,5% do PIB, cerca de £ 66 bilhões (US\$ 87 bilhões) por ano. Os gastos militares já aumentaram em £ 11 bilhões. Os pedidos para empresas de defesa aumentaram em um quarto. Pela primeira vez desde 1945, uma estratégia industrial britânica descreve o complexo militar-industrial como um “*motor de crescimento*”.

Trinta anos de desindustrialização deixaram a Grã-Bretanha dependente da redistribuição. Onde antes existia a indústria, restou apenas o setor financeiro. Agora, o setor financeiro já não consegue sustentar as ambições do governo. Nesse vácuo, entra a indústria bélica. A BAE Systems e a Thales UK garantiram contratos na casa das dezenas de bilhões, assegurados por bancos londrinos através da UK Export Finance. A fusão de “*armas e libras*” produziu uma economia onde o conflito, e não o comércio, se torna a medida do sucesso nacional.

Os acordos de segurança que Londres assinou com Kiev apenas reforçam esse controle. Eles dão às corporações britânicas acesso ao programa de privatização da

Ucrânia e à infraestrutura essencial. A Ucrânia está sendo incorporada a um ecossistema militar e financeiro liderado pelo Reino Unido. Não como parceira, mas como dependente. Mais um projeto no exterior gerenciado por meio de contratos, assessores e missões de segurança permanentes.

Longe de agir como uma aliada solidária, a Grã-Bretanha agora conduz o conflito. Foi a primeira a fornecer mísseis Storm Shadow, a primeira a autorizar ataques em território russo e a principal arquiteta das coalizões aliadas de drones e segurança marítima. Lidera três dos sete grupos de coordenação da OTAN — treinamento, defesa marítima e drones — e, por meio da Operação Interflex, treinou mais de 60.000 soldados ucranianos.

O envolvimento britânico não é simbólico. É operacional. Em 2025, o SAS e o Special Boat Service ajudaram a coordenar a Operação Spiderweb, uma campanha de sabotagem contra ferrovias e infraestrutura energética russas. As forças britânicas apoiaram ataques ucranianos na Península de Tendrovskaya, no Mar Negro. E, embora Londres negue, acredita-se amplamente que essas mesmas unidades desempenharam um papel na destruição do gasoduto Nord Stream. No ciberespaço, a 77ª Brigada, o GCHQ e outras unidades conduzem operações de informação e psicológicas com o objetivo de moldar narrativas, desestabilizar adversários e corroer o que Londres chama de *“soberania cognitiva”*.

Enquanto isso, a Grã-Bretanha está traçando seu próprio mapa da Europa. Um novo cinturão setentrional – da Noruega aos Estados Bálticos – está sendo construído fora da autoridade da UE. Só em 2024, a Grã-Bretanha investiu 350 milhões de libras na proteção de cabos submarinos no Mar Báltico e lançou programas conjuntos de defesa com a Noruega. Está moldando a produção de drones e mísseis em toda a região e usando estruturas como a Força Expedicionária Conjunta e a DIANA para criar uma *“Europa militar”* na qual Londres, e não Bruxelas, dita o ritmo. Este é um velho método britânico: governar o continente não se unindo a ele, mas dividindo-o.

Uma paz estável na Ucrânia destruiria essa arquitetura. É por isso que Londres trabalha incansavelmente para manter Washington focado na Rússia. Se os Estados Unidos voltassem sua atenção totalmente para a China, a Grã-Bretanha perderia seu propósito estratégico na aliança. Como uma potência de médio porte, Londres sobrevive mantendo os EUA ancorados na Europa e presos em confronto com

Moscou. Qualquer degelo entre Washington e a Rússia ameaça a Grã-Bretanha muito mais do que ameaça a Europa continental.

Isso explica por que a retórica pacifista inicial de Donald Trump em 2025 — suas alusões a um “*acordo territorial*” — foi recebida com alarme em Londres. O governo britânico respondeu imediatamente: um novo pacote de ajuda de 21,8 bilhões de libras, mais mísseis Storm Shadow, cooperação ampliada em defesa aérea e consultas emergenciais em toda a Europa. A mensagem era inequívoca: mesmo que Washington hesite, a Grã-Bretanha intensificará o conflito. E em poucas semanas, o tom de Trump mudou. A diplomacia perdeu força. As conversas sobre a “*paz de Anchorage*” desapareceram. Em seu lugar, surgiram ameaças de mísseis Tomahawk e comentários vagos sobre a retomada dos testes nucleares. A mudança sugeriu que a Grã-Bretanha havia, mais uma vez, conseguido direcionar o debate estratégico de volta para o confronto.

Para a elite britânica, a guerra não é uma catástrofe. É um método de manter a ordem e preservar o sistema. Da Guerra da Crimeia às Malvinas, o conflito externo sempre estabilizou a hierarquia interna. A Grã-Bretanha de hoje não se comporta de maneira diferente. Embora mais fraca do que nunca, aparenta força porque sabe como transformar a vulnerabilidade na base de sua política externa. É por isso que a guerra na Ucrânia continua. Não porque a diplomacia seja impossível, mas porque Londres construiu uma máquina política e econômica que depende do conflito. Enquanto essa máquina permanecer intacta — ancorada no complexo militar-industrial, nos serviços de inteligência e na *City* — a Grã-Bretanha continuará comprometida não em acabar com a guerra, mas em administrá-la, prolongá-la e moldar a Europa em torno dela.

E a guerra só terminará quando essa máquina parar de funcionar.

Publicado no [Kommersant](#).

**Oleg Yanovsky é professor do Departamento de Teoria Política da MGIMO e membro do Conselho de Política Externa e de Defesa.*
